

LÍNGUA FALADA E GRAMATICALIZAÇÃO

Ataliba T. de Castilho*

RESUMO: A partir de uma concepção modular da língua, proponho a discursivização, a semantização e a gramaticalização como processos constitutivos da língua falada. Detendo-me na gramaticalização, examino o comportamento do item *mas* nos dados do Projeto NURC.

Palavras-chave: língua falada, gramaticalização, conjunção adversativa *mas*.

APRESENTAÇÃO

Em trabalhos anteriores, historiei os estudos sobre língua falada (LF) no português, no espanhol, no francês e no inglês americano, e resenhei o debate teórico que se desenvolve no interior dos respectivos grupos de pesquisa: Castilho (1995), (1996).

A leitura dos estudos aí citados evidencia – com uma ou outra exceção – que a maioria dos lingüistas brasileiros e estrangeiros envolvidos na reflexão sobre o oral sustenta que a melhor abordagem dessa modalidade é considerar os processos de criação lingüística que ela documenta, antes que descrever seus produtos. Há uma quase unanimidade em torno desta equação: língua falada é o mesmo que um conjunto de processos.

Mas de que processos esses pesquisadores estão falando? Ainda não há uma resposta clara para essa pergunta. Passo a expor minha percepção atual sobre essa questão. Tomarei como ponto de partida as afirmações de Nascimento (1993a e b) e, ainda, as concepções sobre a língua que aparecem em Morris (1938) e Franchi (1991). De todo modo, não pretendo aqui reproduzir com fidelidade seus argumentos, optando por apresentar deles uma leitura pessoal.

* Universidade de São Paulo.

Este texto foi preparado após participação no Instituto de Linguística da "Linguistic Society of America", realizado na Universidade do Novo México, no verão de 1995. Agradeço à FAPESP e ao Fundo Robert R. Robins pela concessão dos fundos necessários a essa participação.

1. PROCESSOS CONSTITUTIVOS DA LF

Para começar, parece evidente que Morris e Franchi postulam a língua como um conjunto de três módulos, o semântico, o gramatical e discursivo, interligados pelo léxico, sem relações de determinação entre si.

Cada módulo será caracterizável por dispor de um conjunto de propriedades. Assim, a referenciação, a predicação, a dêixis, a foricidade, etc., são propriedades do módulo semântico. As classes, as relações que entre elas se estabelecem, as funções que essas classes assumem no enunciado, bem como sua representação fonológica, provêm as propriedades gramaticais. A organização tópica, a disposição dos tópicos em unidades discursivas, e os operadores da coesão textual podem ser postuladas como propriedades do discurso.

Vou hipotetizar que as propriedades próprias a cada um desses módulos são administradas por processos cognitivos prévios à verbalização, caracterizáveis como um conjunto de instruções não seqüenciais, que ativam simultaneamente as propriedades discursivas, gramaticais e semânticas já contidas nos itens lexicais. Esses processos podem ser assim rotulados: ativação, reativação e desativação. Inicialmente, chamei "construção" "reconstrução" e "descontinuação" tais processos: Castilho (1994) e (1995). Alertado por pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado, dei-me conta de que em qualquer um desses momentos se está sempre "construindo" enunciados. Assim, o termo "reconstrução" parece-me particularmente infeliz para caracterizar o segundo desses processos. De todo modo, e para usar a linguagem computacional, diria que eles atuam à semelhança dos gerenciadores de programas, no nosso caso, como gerenciadores dos

módulos lingüísticos. É como se eles fossem uma espécie de DOS, ou de WINDOWS.

A *ativação* será postulada como o processo que suscita as propriedades discursivas, semânticas e sintáticas dos itens lexicais. Resultam daqui (i) a constituição do texto, bem como de suas unidades e de suas formas de conexão, (ii) a constituição das significações, que resultam das pressuposições, das implicaturas e da combinatória dos sentidos lexicais no interior do texto e das sentenças, e ainda (iii) a constituição das sentenças, em suas representações sintática, morfológica e fonológica. No plano cognitivo, deve haver algum correlato entre a ativação e a criação das idéias e das proposições.

A *reativação* é processo pelo qual suscitamos de novo propriedades já ativadas previamente. A repetição ou recorrência de segmentos, e a paráfrase ou recorrência de conteúdos, são as duas manifestações da reativação, que se aplicam aos módulos discursivo e gramatical, respectivamente. Os processos metafóricos e metonímicos podem ser considerados como reativações do sentido, no módulo semântico. Deve haver algum correlato entre a reativação e a memória.

A *desativação* é o processo de abandono das propriedades que vinham sendo ativadas. As "despreferências conversacionais", as digressões e os parênteses textuais são desativações que afetam o módulo discursivo. As hesitações, as pausas, as elipses, os anacolutos, os morfemas e sintagmas descontínuos são desativações no módulo gramatical. O "desbotamento" semântico (Ingl. *bleaching*) pode ser entendido como um tipo de desativação no módulo semântico.

Em suma, os processos intuídos por tantos lingüistas do oral consistiriam, do meu ponto de vista, na ativação de propriedades já contidas no léxico, de que resultariam as categorias discursivas (= processo de *discursivização*), gramaticais (= processo de *gramaticalização*) e semânticas (= processo de *semantização*). Nesta perspectiva, o Léxico é dado como um componente lingüístico primitivo, no sentido de que ele não deriva de outras instâncias da língua.

Se esta proposta dispuser efetivamente de poder explanatório, um corolário interessante será o de que não é necessário, nem conveniente, estabelecer uma seqüenciação unidirecional entre os módulos e

suas propriedades. Em seu conjunto, eles integram a competência comunicativa dos falantes, que operam ao mesmo tempo diferentes capacidades mentais, não hierarquizáveis nem lineares.

É evidente que não poderei dar aqui uma demonstração cabal do que acabo de afirmar. Isto mais parece um projeto de vida... Gostaria, entretanto, de concentrar a atenção no processo da gramaticalização, examinando uma de suas manifestações no português falado. Acresce que dos três processos possíveis, foi justamente o da gramaticalização que assumiu uma fisionomia mais individualizada no atual debate teórico. Passo a fazer breves referências a ele, remetendo a Castilho (1995a) para um detalhamento maior.

2. A GRAMATICALIZAÇÃO

Segundo Meillet (1912), a gramaticalização é a "atribuição de um caráter gramatical a um termo outrora autônomo". Para Kurylowicz (1965), apud Lehmann (1982), a gramaticalização é basicamente um processo, definido como "a ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para um mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional". Como se observa, tanto Meillet quanto Kurylowicz estão operando com dois componentes lingüísticos, o Léxico e a Gramática, estabelecendo uma relação unidirecional entre eles. Essa relação encontra suas raízes no tratamento exclusivamente diacrônico que tem sido dado à gramaticalização.

O processo da gramaticalização incorpora os processos secundários da *sintaticização* (um item lexical altera suas propriedades sintáticas), *morfologização* (uma classe sintática assume propriedades morfológicas, transformando-se numa classe morfológica, como no caso dos Verbos Auxiliares) e *desmorfemização* (um morfema desaparece, e todo o processo recomeça, como no caso da perda do morfema de futuro {re}, na LF). Com respeito aos sub-sistemas Sintaxe e Morfologia, Hodge (1970) correlacionou uma sintaxe forte com uma morfologia fra-

ca e, ao contrário, uma sintaxe fraca com uma morfologia forte, cunhando a célebre formulação "o que hoje é a morfologia é a sintaxe de ontem".

Givón (1979) ecoou essa afirmação, a que agregou um terceiro argumento, o do Discurso, propondo a conhecida escala *Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero*. Ele deve ter procedido a esta alteração movido pela defesa de seu programa de descentralização da Sintaxe. Lehmann (1982b, p. 13) incorporou tudo isso num quadro em que considerações tipológicas são também levadas em conta.

Acredito que foi um erro estabelecer uma relação "genética" entre Discurso e Sintaxe. Tudo isso pode ser de alguma importância estratégica no quadro das "pregações" sobre a excelência de uma das abordagens funcionalistas, aquela que prevê uma caminhada do Discurso para a Sintaxe, por oposição à abordagem gerativista, que confere autonomia à Sintaxe. Mas há um custo envolvido nessa posição. Vale a pena estabelecer regras de determinação entre o Discurso e a Sintaxe? Que se ganha, ao postular relações hierárquicas entre eles? Não será mais razoável supor, como DuBois (1985), que entre esses módulos da língua há motivações em competição? Por outro lado, admitida a direção Discurso > Sintaxe, não se esvaziaria aquele, que se assimilaria totalmente à Sintaxe, o que seria antifuncional? Creio que uma concepção modular da língua permite refletir melhor sobre a LF como um conjunto de processos lingüísticos.

Sob esse pano de fundo, passo a examinar a gramaticalização do item *mas* em amostras do Projeto NURC.

3. A GRAMATICALIZAÇÃO DE *MAS*

Minha análise, ainda bastante preliminar, se assenta no que atrás ficou dito e, ainda, em dois pontos:

(1) Quando se trata da LF, não há como opor gramaticalização diacrônica a gramaticalização sincrônica. Registros dessa modalidade guardam uma sorte de "memória histórica", diluindo ainda mais os já precários limites entre sincronia e diacronia. Sweetser (1990) demons-

tra que mesmo expressões altamente gramaticalizadas como as conjunções liberam sentidos nos enunciados, o que aponta para um processo de gramaticalização em movimento. É possível identificar tais sentidos nos dados do Projeto NURC, como se verá. Por ora, basta lembrar que *mas* deriva de *magis*, advérbio latino cujo valor semântico de base era estabelecer comparações de quantidades e de qualidades, identificando-se ainda valores secundários de inclusão de indivíduos num conjunto:

- (1) *precisamos de mais linguistas,*
 (2) *ele tem mais livros do que seu vizinho,*
 (3) *falou mais alto do que seu colega.*

Nos exemplos (1) e em (2), *mais* toma por escopo expressões referenciais, funcionando como um Advérbio Não-Predicativo de Inclusão. Em (3), ele toma por escopo uma expressão predicativa, funcionando como um Advérbio Predicativo Intensificador.

Já no latim falado, *magis* deu de construir-se com *sed*, tomando deste o valor adversativo. Inicialmente, o conjunto *sed magis* servia "*pour indiquer une action qui s'accomplit de préférence à une autre*". Daqui, "*il est arrivé à s'employer seul, avec cette valeur adversative*": Ernout-Meillet (1932, s.v. *magis*).

(2) O valor inclusivo de *mais* favoreceu seu uso discursivo como uma espécie de conectivo interacional e textual. Após transformações metonímicas, *mas* assumiu propriedades gramaticais novas, como conjunção de contrajunção. Discurso e gramática, portanto, exploram propriedades léxico-semânticas de *mais*, dando origem a um conjunto de expressões sincrônicas, que poderíamos dispor num eixo que abrigaria os traços de /+ Inclusão/ para /+Contrajunção/. Quero sublinhar que será ilusório supor que haja uma grande nitidez separando um uso do outro. Assim, limito-me a separar as ocorrências em que parecem mais visíveis os processos de discursivização (itens 3.1 a 3.2) e de gramaticalização (3.2).

3.1 *Mas* como Marcador Conversacional

Na interação conversacional, *mas* ocorre no Lugar Relevante da Transição, como um Marcador Conversacional:

- (4) L2 - *não... Recife é a maior cidade do mundo... porque é aqui que o Capibaribe se encontra com o Beberibe para formar o Oceano Atlântico*
 L1 - *eu concordo com Você*
 L2 - ((riu))
 L1 - *mas então há esse problema... então a coisa se agrava (D2 REC 5: 1197-1202).*
- (5) L1 - *gosto do campo pra dormir... descansar por lá... negócio de cultivar não é comigo...*
 Doc. *mas* *you* *falou* *que* *you* *passava* *férias* *numa* *fazenda...*
 L1 - *eu gosto de andar a cavalo...*
 Doc. *sim* *mas* *you* *não* *pode* *descrever* *pra* *ele* *pele* *menos* *como* *é* *que* *é* *essa* *fazenda?* (D2 RJ 158: 74-80).
- (6) L1 - (...) *a televisão está promovendo Flávio Cavalcante*
 L2 - *mas mas só pode promover mesmo (D2 REC 5: 264).*

Situado no início da interrupção da fala do locutor anterior, *mas* verbaliza por parte do interlocutor sua percepção do completamento da atividade verbal, e a decorrente necessidade de gerar novas atividades. Desse ponto de vista, muitas construções com *mas* configuram o princípio de projetabilidade mencionado por Sachs-Schegloff-Jefferson (1974). Assim, em (4), o locutor procura retomar o tópico conversacional; em (5), o documentador toma o turno de L1, insistindo em agregar o tópico "atividades na fazenda", sobre o qual L1 não parece disposto a falar; em (6), L2 toma o turno para asseverar o que L1 quer desqualificar como argumento. Em todos esses casos, *mas* encabeça os enunciados, agregando novos enunciados em continuação. O mesmo ocorre com

- (7) L1 - [Lins] *não tem muito movimento... éh:: chega seis sete horas*
 L2 *mas* *que*
 L1 - *todo mundo na rua...ah... não sei deve ter uns...*
 L2 - *tamanho tem lá ? quantos habitantes ? (D2 SP 343: 60).*

- (8) L1 - *se sair antes das seis da manhã sai melhor porque*
L2 - *não...*
L1 - *mas eu acho que*
L2 - *dá demais em Teófilo Otôni (D2 SSA 98: 135).*
- (9) L2 - *(...) o poeta hoje (...) não precisa mais ficar tuberculoso e morrer de fome*
L1 - *não... mas isso aí é outra coisa (D2 REC 5: 480).*
- (10) Doc - *a gente espera que vocês conversem... dialoguem...*
L1 - *não... mas vocês vão puxar... que nós... não vamos falar nada (D2 SSA 98:5).*

Este valor de *mas* já tinha sido analisado por Dias de Moraes (1987).

Mas pode, igualmente, somar atos de fala não explicitados, assinalando a retomada de conversas habituais, no chamado "uso retórico", como em (11):

- (11) *Mas e aí ... como vão as coisas foi ?*

3.2 *Mas* como conectivo textual

Como se sabe, certos Marcadores Conversacionais funcionam como conectivos textuais, unindo Unidades Discursivas. Ora, os valores léxico-semânticos de *mas* o predispõem a atuar também como ligador dessas unidades, como se pode ver nos seguintes exemplos:

- (12) Unidade A - *e: aí eu comecei a prestar atenção naquela tela pequena... vi... não só que já se fazia muita coisa boa e também muita coisa ruim... é claro...*
Unidade B - *mas vi também todas as possibilidades... que aquele veículo ensinava e que estavam ali láTENTes para serem aproveitados. (D2 SP 333: 17-23).*

3.3 *Mas* como conjunção adversativa

Estudo neste item a ativação das propriedades gramaticais de *mas*, enquanto conjunção coordenativa adversativa. Essas propriedades representam uma mudança diacrônica do item, visto que o uso adversativo de *mas* implica (i) na perda de suas propriedades semânticas de Advérbio de Inclusão, preservadas enquanto Marcador Conversacional e enquanto Conectivo textual, (ii) na perda ainda mais severa da massa fonética do item: compare-se o dissílabo latino *magis* com o monossílabo português *mas*, e (iii) na aquisição das propriedades gramaticais já mencionadas.

Em seus novos usos, *mas* passa a funcionar como operador argumental, como demonstraram Ducrot-Vogt (1979). Dias de Moraes (1987, p. 15) agrega a isto que "*mas acrescenta ao valor sintático de coordenador, isto é, de bloqueador da oposição do segundo segmento ao primeiro, o traço sêmico de desigualdade*". Operando na mesma linha analítica da Semântica Argumentativa, Koch (1992, p. 36-7) mostra que essa conjunção passa a ter um funcionamento bastante semelhante ao de *embora*: "*Do ponto de vista semântico, os operadores do grupo MAS e os do grupo EMBORA têm funcionamento semelhante: eles opõem argumentos enunciados de perspectivas diferentes, que orientam, portanto, para conclusões contrárias. A diferença entre os dois grupos diz respeito à estratégia argumentativa utilizada pelo locutor: no caso do MAS, ele emprega (segundo E. Guimarães) a 'estratégia do suspense', isto é, faz com que venha à mente do interlocutor a conclusão R, para depois introduzir o argumento (ou conjunto de argumentos) que irá levar à conclusão ~R; ao empregar o EMBORA, o locutor utiliza a 'estratégia de antecipação', ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado, 'não vale'*". Levantamentos de Neves (1995) mostram que neste confronto as sentenças concessivas levaram a pior, registrando-se apenas 17 ocorrências, contra um sem número de adversativas.

Será interessante indagar como foi que o valor de soma, preservado no módulo discursivo, atenuou-se no módulo gramatical, surgindo neste o valor de contrajunção. Sabe-se que a LF guarda os diferentes passos que foram dados no curso de uma mudança quase imperceptí-

vel. Creio que tais passos poderiam ser assim restabelecidos: (i) primeiro passo: *mas* não contrajuntivo, em sentenças afirmativas, (ii) segundo passo: *mas* contrajuntivo, em sentenças negativas, (iii) terceiro passo: *mas* contrajuntivo, em sentenças formalmente afirmativas, *mas* com um valor implícito de negação de expectativas. Vejamos alguns exemplos dessa escala:

3.3.1 *Mas* não contrajuntivo

(13) *a gente vive de motorista o dia inteiro, mas o dia inteiro.* (D2 SP 360: 94).

(14) *tem um choque uma diferença uma depressão um vazio... sabe?... uma coisa incrível mesmo...mas incrível* (D2 RJ 147: 188).

(15) *é muito difícil (...) mas de um modo geral é difícil... sabe ?* (D2 RJ 147: 120).

(16) *nós temos tantos amigos desintegrados (...) mas nós só temos amigos assim de família desestruturada* (D2 RJ 147: 167).

Os exemplos acima mostram um *mas* gerenciado pelo processo cognitivo de reativação por repetição, com valor semântico ainda inclusivo, ora somando sintagmas, como em (13), ora somando constituintes de sintagmas, como em (14), ora somando sentenças, como em (15) e (16), sem que o segmento por ele introduzido se contraponha de alguma forma ao conteúdo do segmento anterior. Quer dizer, nessas expressões não se encontram os valores mostrados por Koch (1992).

3.3.2 *Mas* contrajuntivo, unindo segmentos negativos

Nestes casos, *mas* une dois segmentos, um dos quais negado explicitamente. O valor contrajuntivo decorre dessas negações explícitas:

(17) *agora caminha por... talvez não por caminho direto mas por caminhos indiretos* (D2 REC 5: 101).

(18) *eu acho bonito tudo aquilo como paisagem... assim... mas como meio de vida eu não me adaptaria a isso... eu gosto de ficar em lugares isolados por algum tempo... mas não por muito tempo* (D2 RJ 158: 86-88).

(19) *ela está lá mas não funciona* (D2 SP 343: 101).

(20) *a programação... havia sido planejada...mas não deu certo* (D2 SP 360: 8).

(21) *talvez os tempos não fossem os mesmos... mas ela conseguiu* (D2 POA 291: 207)

(22) *[a pajem] não vive em função deles mas de manhã a única função dela é me ajudar com eles* (D2 SP 360: 306).

(23) *não éramos casados, mas agora ...com a chegada da filha... resolvemos nos casar...*

3.3.3 *Mas* contrajuntivo em sentenças afirmativas

Agora, o valor de contrajunção não decorre da negação de um dos termos ligados por *mas*, decorrendo exclusivamente desse item:

(24) *tem Ituaçu... que é uma cidadezinha lá... que inclusive oferece hospedagem... mas me disseram que é uma miséria...* (D2 SSA 98: 244).

(25) *eu acho por exemplo cebola uma coisa imprescindível... mas acho horrível o gosto puro da cebola* (D2POA 291: 133).

(26) *a Fazenda Sampaio... (...) pertence ao Banco do Brasil (...) mas ela é aberta ao público...* (D2 RJ 158: 205)

(27) *(o garoto) é mais novo que eu... mas tem uma compreensão.. uma visão fora do comum.* (D2 RJ 147: 161).

(28) *as mais velhas estão entrando na adolescência mas são muito acomodadas* (D2 SP 360: 41).

Nessas ocorrências, o valor de inclusão se torna mais abstratizado, ressaltando o de contrajunção. O item desenvolve novas propriedades sintático-semânticas, que poderiam ser assim enumeradas:

(1) Internalização da negação, por um processo metonímico. O valor contrajuntivo deve ter derivado da ocorrência de *mas* em contextos de negação, capitulados no item 3.3.2 acima.

(2) Em consequência disso, *mas* passa a operador argumentativo de contração, negando a expectativa gerada no termo anterior.

(3) Enquanto operador de inclusão, documentado nos itens 3.3.1 e 3.3.2 acima, *mas* tem seu escopo à direita, ligando expressões da esquerda para a direita. Enquanto operador argumentativo de contração, pode-se dizer que *mas* passa a ligar constituintes da direita para a esquerda, contrapondo o termo seguinte ao termo anterior.

4. CONCLUSÕES

Propus neste trabalho que a *discursivização*, a *gramaticalização* e a *semanticização* operam como processos constitutivos da LF, tornando-se desnecessário estabelecer uma hierarquização entre eles.

Apliquei essa hipótese à descrição do item *mas*, em que encontrei duas faces, que convivem sincronicamente. Uma face discursiva, textual-interativa, em que esse item preserva os valores do Advérbio de Inclusão que lhe deu origem. Uma face sintática, fruto da gramaticalização desse advérbio, em que se abstratiza o valor de inclusão, desenvolvendo um valor conectivo contrajuntivo intra e intersentencial, via internalização da negação.

Muito trabalho precisa ainda ser feito, indagando-se, entre outras coisas, sobre o papel dos processos cognitivos postulados e o processamento do item *mas*.

BIBLIOGRAFIA *

- CASTILHO, A. T. e PRETI, D. (orgs. 1986) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo, TAQ/FAPESP, vol. I, Elocuções Formais.
- _____. (orgs. 1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Materiais para seu estudo. São Paulo, TAQ/FAPESP, vol. II, Diálogos entre dois informantes.
- CASTILHO, A. T. (org. 1989) *Português culto falado no Brasil*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- _____. (org. 1993) *Gramática do Português falado*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. III.

- _____. (1994) Para uma gramática do Português falado, In C. da C. Pereira e R.D. Pereira Orgs. 1995. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, p. 79-102.
- _____. (1995) A gramática do Português culto falado no Brasil. Aspectos teóricos. Conferência lida no XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, 2 a 4 de outubro de 1995.
- _____. (1995a) A gramaticalização, a publicar em *Estudos Lingüísticos e Literários*, UFBA.
- _____. e Basílio, M. (orgs. 1996). *Gramática do Português falado*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. IV.
- _____. (1996) Projeto de Gramática do Português falado, a publicar em *Estudos Lingüísticos* 26 [Anais do GEL].
- DIAS DE MORAES, L. C. (1987) *Nexos de coordenação na fala urbana culta de São Paulo*. São Paulo, USP, Tese de Doutorado. Mimeo.
- DUBOIS, J. (1985) Competing motivations, In J. Haiman (Ed. 1985) - *Iconicity in syntax*. Amsterdam, John Benjamins, p. 343-65.
- DUCROT, O. e VOGT, C. (1979) De magis a mais: une hypothèse sémantique. *Revue de Linguistique Romane*, 17, p. 317-41
- ERNOUT, A. e MEILLET, A. (1932) *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, 4ème. éd. Paris, Klincksieck, 1967.
- FRANCHI, C. (1991) Concepção de E-Gramática. Conferência pronunciada no Dep. de Linguística da UNICAMP em 26.09.1991, inédita.
- HODGE, C.T. (1970) The linguistic cycle, *Language in Society*, 13, p. 1-7.
- ILARI, R. (1995) Um roteiro para o estudo das conjunções. Campinas, PGPF, Grupo de Trabalho de Sintaxe I. Mimeo.
- KATO, M. (org. 1996) *Gramática do Português falado*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. V.
- KOCH, I.V.G. (1992) *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo, Contexto.
- LEHMANN, C. (1982a) Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change, *Lingua e Stile*, 20, p. 303-18.
- _____. (1982b) *Thoughts on grammaticalization. A programmatic sketch*. Köln, Arbeiten des Kölner Universalien Projekts, vol. I. Mimeo.
- MEILLET, T. (1912) L'évolution des formes grammaticales, In *Linguistique historique et linguistique générales*. Paris, Champion, 1958, p. 130-48.
- MORRIS, C.W. (1938) *Foundations of the theory of signs*. Chicago, The University of Chicago Press.
- NASCIMENTO, M. do (1993a) Notas sobre as atividades do grupo de sintaxe II, In CASTILHO (org. 1993), p. 433-38.
- _____. (1993b) Gramática do Português falado: articulação teórica. Ms. inédito, apresentado ao Seminário sobre Gramática da língua falada, promovido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa em outubro de 1993.

- NEVES, M.H.M. (1984) O coordenador interfrasal *mas*. Invariância e variantes. *Alfa*, 28, p. 21-42.
- _____. (1995) As orações concessivas. Texto apresentado ao Grupo de Trabalho de Sintaxe I do Projeto de Gramática do Português falado, inédito.
- PRETI, D. e URBANO, H. (orgs. 1990) *A linguagem culta falada na cidade de São Paulo*. Estudos. São Paulo, TAQ/FAPESP, vol. IV.
- SACKS, H. - SCHEGLOFF, E.A. - JEFFERSON, G. (1974) A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation, *Language*, 50 (4), p. 696-735.
- SWEETSER, A. (1990) *From etymology to pragmatics*. Cambridge, CUP.

(*) Sempre que possível, fez-se a entrada pela data de redação do documento, caso em que ela pode diferir da data de impressão.

ABSTRACT: Under the assumption of the modularity of language, I propose discoursivization, semanticalization and grammaticalization as constitutive processes of spoken language. Looking into grammaticalization, I examine the behavior of the item *mas* in the NURC (Educated Urban Norm) project data.

Keywords: spoken language, grammaticalization, adversative conjunction *mas*.